

info@marcador.pt
www.presenca.pt/collections/marcador
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2022

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2016 Sarah J. Maas

Edição portuguesa de *A Court of Mist and Fury* publicada pela Marcador com acordo de Bloomsbury Publishing Inc.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *A Court of Mist and Fury*

Autora: Sarah J. Maas

Tradução: Filipa Aguiar

Revisão: Joaquim E. Oliveira/Editorial Presença

Ilustração da capa: HappyPets

Design da capa: Patti Ratchford

Arranjo de capa: Carlota Flieg/Marcador

Mapa: © Kelly de Groot, 2016

Composição, impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 499 524/22

1.ª edição, Lisboa, julho, 2022

*Para o Josh e a Annie,
a minha muito querida Corte dos Sonhos*



Vallahan

TERRAS FEÉRICAS

A Muratha

TERRAS MORTAIS

Norte para as Terras Féricas



Sul para as Terras Mortais

Talvez tenha sempre sido débil e soturna por dentro. Talvez alguém nascido na integridade e na bondade tenha atirado ao chão o punhal e acolhido a morte, em vez daquilo que tinha à minha frente.

Havia sangue por toda parte.

Era-me difícil segurar no punhal enquanto a minha mão, ensopada em sangue, tremia. Enquanto eu me despedaçava pouco a pouco, o cadáver da jovem Fada Suprema arrefecia no chão de mármore.

Não fui capaz de largar a arma, não fui capaz de sair dali, da frente dele.

— Bem — ronronou Amarantha, do seu trono. — Outra vez.

Havia outro punhal e outra fada ajoelhada. Era do sexo feminino. Eu conhecia as palavras que ela ia dizer. A oração que ia recitar.

Eu sabia que havia de a massacrar, tal como tinha massacrado o rapaz que tinha à minha frente.

Para os libertar a todos, para libertar Tamlin, fá-lo-ia. Eu era a assassina de inocentes e a salvadora de um território.

— Quando estiveres pronta, querida Feyre — cantarolou Amarantha, com os cabelos ruivos, intensos e tão brilhantes como o sangue que havia nas minhas mãos. No mármore.

Assassina. Carniceira. Monstro. Ardilosa. Trapaceira.

Eu não sabia de quem estava a falar. Os limites entre mim e a rainha há muito que se confundiam.

Os meus dedos afrouxaram a pressão no punhal e este caiu ao chão, fazendo estremecer o charco de sangue que se espalhava. Saltaram gotas

para as minhas botas desgastadas — resquícios de uma vida mortal num passado tão distante que podia muito bem ter sido um dos meus sonhos febris dos últimos meses.

Encarei a fêmea que aguardava a morte, com o capuz caído sobre a cabeça, o corpo esguio e firme. Preparada para o fim que eu lhe ia dar, para o sacrifício em que se ia transformar.

Levei a mão ao segundo punhal, que estava em cima de uma almofada de veludo, e senti o cabo gelado na minha mão morna e húmida. Os guardas puxaram o capuz à fada.

Eu conhecia a cara que me encarava.

Conhecia-lhe os olhos cinzento-azulados, os cabelos castanho-alourados, a boca farta e as bochechas acentuadas. Conhecia as orelhas que agora se tinham tornado delicadamente arqueadas, os braços e as pernas que tinham sido lapidados, delineados com poder, em que qualquer imperfeição humana fora suavizada e transformada num subtil brilho imortal.

Conhecia o vazio, o desespero, a corrupção que se derramava por aquele rosto. As minhas mãos não tremeram quando levantei o punhal.

Quando agarrei no ombro de ossos finos e encarei aquela cara odiada... a *minha* cara.

E cravei o punhal no meu coração, que aguardava.

PRIMEIRA PARTE
A CASA DAS BESTAS

CAPÍTULO 1

Vomitei na latrina, abraçada às paredes frias, a tentar conter o som de cada golfada.

O luar entrava na imensa casa de banho de mármore, dando-lhe a única luz que por ali se via, enquanto eu, em silêncio, me esvaía.

Tamlin não se mexeu quando acordei num sobressalto. E, não sendo capaz de discernir a escuridão do quarto da noite infinita das masmorras de Amarantha, quando o suor frio que me cobria se pareceu com o sangue das fadas, disparei para a casa de banho.

Estava ali há quinze minutos, à espera de que o vômito cessasse, que os tremores remanescentes se tornassem mais esparsos e se fossem, como ondas numa poça.

Ofegante, apoiei-me na sanita, a contar cada fôlego.

Só um pesadelo. Um entre muitos, a dormir e acordada, que me assombravam ultimamente.

Tinham passado três meses desde os acontecimentos de Sob a Montanha. Três meses a ajustar-me ao corpo imortal, a um mundo que lutava para se recompor desde que Amarantha o tinha desfeito em pedaços.

Concentrei-me na respiração — inspirar pelo nariz, expirar pela boca. Uma e outra e outra vez.

Quando me pareceu que tinha acabado de vomitar, afastei-me com cuidado da latrina, mas não fui muito longe. Apenas até à parede contígua, perto da janela entreaberta, onde podia ver o céu noturno, onde a brisa me podia acariciar o rosto tomado pela transpiração. Apoiei a cabeça na parede, chapando as mãos contra o chão de mármore. Verdadeiro.

Aquilo era verdadeiro. Eu tinha sobrevivido; tinha escapado.

A não ser que fosse um sonho; apenas um sonho febril nas masmorras de Amarantha, e haveria de voltar a acordar na cela e...

Puxei os joelhos até ao peito. Verdadeiro. *Verdadeiro*. Articulei a palavra, sem emitir qualquer som.

Continuei a fazê-lo até que me senti capaz de relaxar os punhos sobre as pernas e levantar a cabeça. Uma dor percorreu-me as mãos...

De alguma forma, tinha-as fechado com tanta força que as unhas quase perfuraram a pele.

Força imortal; era mais uma maldição do que um dom. Amolguei e dobrei todos os talheres em que toquei durante três dias depois de ter voltado, tropecei tantas vezes nas pernas mais longas e mais rápidas que a Alis retirou todos os bens de valor do meu quarto (ficou especialmente chateada quando deitei ao chão uma mesa com um vaso com oitocentos anos), e parti não uma, não duas, mas *cinco* portas de vidro quando, sem querer, as fechei com uma força excessiva.

Suspirei pelo nariz e estiquei os dedos.

A mão direita estava lisa, macia. Perfeitamente feérica.

Inclinei a mão esquerda, os redemoinhos de tinta cobriam os meus dedos, o meu pulso, do antebraço até ao cotovelo, a absorver a escuridão daquela divisão. O olho que estava tatuado no centro da palma da minha mão parecia observar-me, calmo e atento como um gato, a pupila, como que numa fenda, estava mais ampla do que no início do dia. Como se se tivesse ajustado à luz, como qualquer olho normal faria.

Olhei para ele com rancor.

Para quem quer que pudesse ver através daquela tatuagem.

Não tive notícias do Rhys nos três meses em que ali estive. Nem sequer um sussurro. Não ousei perguntar a Tamlin nem a Lucien nem a ninguém — com medo de que, de alguma maneira, convocasse o Grande Senhor da Corte da Noite, que de algum modo o fizesse lembrar-se do acordo de parvos que eu tinha feito em Sob a Montanha: uma semana com ele, todos os meses, por me ter salvado quando estava à beira da morte.

Mas, mesmo que Rhys se tivesse milagrosamente esquecido, eu jamais seria capaz de o fazer.

Nem Tamlin, Lucien ou qualquer outro. Menos ainda com a tatuagem.

Mesmo que Rhys, no fim... mesmo que ele não tenha sido exatamente um inimigo.

Para Tamlin, sim. Para todas as outras cortes lá fora, sim. Pouquíssimos eram os que cruzavam as fronteiras da Corte da Noite e sobreviviam para

contar a história. Ninguém de facto sabia o que *existia* na parte mais a norte de Prythian.

Montanhas e breu e estrelas e morte.

Mas eu não me senti inimiga do Rhysand na última vez que falei com ele, nas horas que se seguiram à derrota de Amarantha. Não falei a ninguém daquele encontro, do que ele me disse, do que confessei ao Rhys.

Agradece pelo teu coração humano, Feyre. Tem piedade daqueles que não sentem nada.

Apertei os dedos, para bloquear o olho, a tatuagem. Estiquei o corpo, pus-me de pé e então lancei uma descarga antes de seguir até à pia para enxaguar a boca e depois lavar a cara.

Só desejava não sentir nada.

Querida que o meu coração humano tivesse mudado com o resto, transformado-se em mármore imortal. Em vez do farrapo de escuridão em frangalhos que agora era, a vazara pus para dentro de mim.

Tamlin continuava a dormir quando voltei de fininho para o quarto escuro, o corpo nu caído sobre o colchão. Por um instante, admirei-lhe os músculos poderosos das costas, delineados de forma muito bela pelo luar, os cabelos dourados, embaraçados pelo sono e pelos dedos que passei por eles quando fizemos amor.

Fiz aquilo por Tamlin; por ele, eu, com prazer, destruí-me a mim e à minha alma imortal.

E agora tinha toda a eternidade para conviver com essa ideia.

Continuei o caminho até à cama, cada passo mais pesado, mais difícil. Os lençóis estavam agora frios e secos, e deitei-me, curvando as costas na direção de Tamlin, que envolveu o meu corpo com os braços. A sua respiração era profunda... tranquila. Mas com os meus ouvidos feéricos... Às vezes perguntava a mim mesma se ouvira a respiração dele falhar, apenas por um segundo. Jamais tive coragem de lhe perguntar se estava acordado.

Tamlin nunca acordava quando os pesadelos me tiravam o sono; jamais acordava quando eu vomitava as entranhas, noite após noite. Se sabia ou se ouvia, nada dizia.

Eu sabia que havia sonhos semelhantes àquele a afugentar-lhe também o sono tão frequentemente como os meus. Quando aconteceu pela primeira vez, acordei... Tentei falar com ele. Mas Tamlin desenvencilhou-se do meu toque, com a pele suada, e transformou-se naquela besta de pelos, garras, chifres e presas. Tamlin passou o resto da noite sentado aos pés da cama, a vigiar a porta, a parede de janelas.

Desde então, passou muitas noites assim.

Enroscada na cama, puxei o cobertor mais para mim, desejando o calor de Tamlin contra a noite fria. Tinha-se tornado o nosso acordo tácito — não deixar que Amarantha vencesse ao reconhecer que ela ainda nos atormentava os sonhos e os momentos acordados.

Era mais fácil não ter de explicar. Não ter de lhe contar que, embora eu o tivesse libertado, tendo salvado o seu povo e toda a Prythian de Amarantha, eu me tinha destruído.

E achava que nem sequer a eternidade seria tempo suficiente para me devolver a integridade.

CAPÍTULO 2

— **Q**uero ir.

— Não.

Cruzei os braços, enfiando a mão tatuada sob o bíceps direito, e afastei um pouco mais os pés no piso de terra dos estábulos.

— Já passaram três meses. Nada aconteceu, e a aldeia não fica sequer a oito quilômetros daqui...

— Não.

O sol matinal que entrava pelas portas do estábulo refletia-se no cabelo dourado de Tamlin enquanto terminava de afivelar o boldrié de punhais no peito. As suas feições, de uma beleza masculina, tal como sonhei que seriam ao longo daqueles meses em que usou a máscara, revelavam determinação, com os lábios dispostos numa linha fina.

Atrás de Tamlin, já montado no cavalo cinzento malhado, ao lado de outros três senhores-sentinelas feéricos, Lucien sacudia a cabeça, num alerta silencioso, com o olho metálico entreaberto. *Não o provoques*, era o que parecia estar a dizer.

Mas quando o Tamlin se dirigiu ao cavalo preto já selado, cerrei os dentes e segui-o.

— A aldeia precisa de toda a ajuda que se puder arranjar.

— E nós ainda andamos à caça das bestas de Amarantha — disse ele ao montar o cavalo com um movimento fluido. Às vezes, eu perguntava-me se os cavalos serviam apenas para manter as aparências de civilidade, de normalidade. Para fingir que Tamlin não podia ir mais depressa do que eles, que não vivia com um pé na floresta. Os seus olhos verdes pareciam

lascas de gelo quando o cavalo começou a trotar. — Não tenho sentinelas de sobra que te possam escoltar.

Disparei para as rédeas.

— Não preciso de escolta.

Agarrei no couro com mais firmeza quando puxei o cavalo para o fazer parar, e o anel de ouro que tinha no dedo, com a esmeralda quadrada brilhante, refletiu a luz do sol.

Há dois meses que Tamlin me pedira em casamento, dois meses em que tive de aguentar apresentações sobre arranjos de flores, roupa e pratos. Foi-me dado um breve descanso, uma semana antes, graças ao Solstício de Inverno, embora eu preferisse ficar a contemplar rendinhas e sedas a escolher grinaldas e ramalhetes. Mas, pelo menos, foi um descanso.

Três dias de banquete, bebidas e trocas de pequenas prendas, culminando numa cerimónia longa, irritante, no alto das colinas na noite mais longa, que nos acompanharia de um ano para o seguinte conforme o sol morria e de novo nascia. Ou qualquer coisa do género. Celebrar uma festa de inverno num lugar permanentemente envolto em primavera não contribuía muito para melhorar a minha total falta de entusiasmo festivo.

Não prestei grande atenção às explicações sobre as origens do festival, e as próprias fadas debateram se tinha surgido na Corte do Inverno ou na Corte do Dia. Ambas alegavam que era a sua festividade mais sagrada. Eu só sabia que tinha de aguentar as duas cerimónias: uma ao pôr do sol, para dar início à noite infinita de ofertas, danças e bebidas em honra da morte do velho Sol; e outra ao alvorecer do dia seguinte, com os olhos vermelhos e os pés a latejar, para receber o renascimento do Sol.

Como se não bastasse terem pedido a minha presença diante dos cortesãos reunidos e das fadas menores enquanto Tamlin fazia os muitos brindes e as saudações. Dizer que o meu aniversário também calhava naquela que era a mais longa das noites do ano era um facto que eu convenientemente me tinha esquecido de revelar a todos. Recebi muitas prendas, de qualquer das formas, e não tinha dúvidas de que havia de receber muitas, muitas mais no dia do casamento. Não era possível dar uso a tanto *objeto*.

Faltavam agora apenas duas semanas até à cerimónia. Se eu não saísse da mansão, se não tivesse um dia para fazer *alguma coisa* que não gastar o dinheiro de Tamlin e ter pessoas curvadas aos meus pés...

— Por favor. Os trabalhos de recuperação estão a andar muito lentamente. Eu podia ir à caça para os aldeões, arranjar-lhes comida...

— Não é seguro — disse Tamlin, incitando mais uma vez o cavalo a mover-se. A pelagem do animal brilhava como um espelho negro mesmo à sombra dos estábulos. — Principalmente para ti.

Tamlin dizia aquilo sempre que tínhamos aquela discussão; sempre que eu lhe implorava autorização para ir até à aldeia de Fadas Supremas mais próxima, para ajudar a reconstruir o que Amarantha tinha queimado anos antes.

Fui atrás dele em direção ao dia claro e de céu limpo para lá dos estábulos; as ervas cobriam as colinas e ondulavam sob a brisa leve.

— As pessoas querem voltar, querem um lugar onde *viver*...

— Essas mesmas pessoas olham para ti como uma bênção, um sinal de estabilidade. Se algo te acontecesse... — Tamlin interrompeu-se quando parou o cavalo na beira de um trilho de terra que o levaria para os bosques a leste; Lucien estava agora à sua espera a alguns metros de distância. — Não há razões para reconstruir seja o que for, se as criaturas da Amarantha devastam as terras e as voltam a destruir.

— Os feitiços estão ativados...

— Algumas das criaturas fugiram antes de as proteções terem sido reparadas. Lucien caçou cinco naga ontem.

Virei a cabeça para Lucien, que encolheu o corpo. Não me tinha contado aquilo ao jantar, na véspera. Lucien tinha *mentido* quando lhe perguntei porque estava a coxear. O meu estômago deu voltas; não só por causa da mentira, mas... naga. Às vezes sonhava com o sangue deles a encharcar-me enquanto os matava, os rostos viperinos cheios de luxúria enquanto me tentavam retalhar no bosque.

Tamlin disse, baixinho:

— Não posso fazer o que tenho de fazer se estiver preocupado com a tua segurança.

— É claro que vou estar segura.

Como Fada Suprema, com a minha força e a minha velocidade, tinha boas hipóteses de fugir caso algo acontecesse.

— Por favor... por favor, fá-lo por mim — pediu Tamlin, a acariciar o enorme pescoço do cavalo enquanto o animal relinchava, impaciente. Os outros já cavalgavam a trote ligeiro, com os primeiros já quase na sombra da orla da floresta. Tamlin inclinou o queixo na direção da mansão de alabastro que se erguia atrás de mim. — Tenho a certeza de que há coisas em que podes ajudar em casa. Ou podes pintar. Experimenta aquele conjunto novo que te dei no Solstício de Inverno.

Não havia nada exceto planos de casamento à minha espera na casa desde que Alis se recusara a deixar-me mexer um dedo para fazer fosse o que fosse. Não era por causa da pessoa que eu era para Tamlin, aquilo que estava prestes a tornar-me para ele, mas... por causa do que eu tinha feito por ela, pelos miúdos, por Prythian. Todos os criados faziam o mesmo, alguns ainda choravam de gratidão quando passavam por mim nos corredores. E quanto às pinturas...

— Muito bem — suspirei. Obriguei-me a encarar o Tamlin, obriguei-me a sorrir. — Cuidado — aconselhei, e fui sincera. A ideia de Tamlin lá fora, a caçar os monstros que um dia serviram Amarantha...

— Amo-te — disse ele, baixinho.

Assenti, murmurando em resposta quando ele se pôs a cavalgar até onde Lucien ainda esperava; o emissário franziu agora levemente a testa. Não os vi partir.

Demorei-me no regresso pelas sebes dos jardins, os pássaros da primavera cantavam alegremente, cascalho estalava sob os meus sapatos finos.

Detestava os vestidos coloridos que se tinham tornado o meu vestuário diário, mas não tinha coragem de o confessar a Tamlin; muito menos tendo ele comprado tantos e parecia imensamente feliz por me ver a usá-los. Não quando as palavras dele não estão longe de ser verdade. No dia em que eu vestisse as calças e a túnica, no dia em que prendesse armas ao corpo como se fossem joias finas, mandaria uma mensagem alta e clara pela terra. E, pronto, usava os vestidos e deixava que Alis me arranjasse o cabelo, ao menos para garantir àquela gente alguma paz e conforto.

Pelo menos Tamlin não se opunha à adaga que eu levava no flanco do corpo, pendurada num cinto coberto de joias. Lucien presenteara-me com ambos — a adaga, nos meses que precederam Amarantha, o cinto, nas semanas que se seguiram à queda da Grande Rainha, altura em que eu andava sempre com a adaga, a par de muitas outras, por todo o lado. *Se te vais armar até aos dentes, ao menos podes pôr-te bonita*, dissera ele.

Mas, mesmo que a estabilidade reinasse durante cem anos, duvidava de que jamais acordasse certa manhã e não levasse a faca.

Cem anos.

Era o que eu tinha; tinha séculos à minha espera. Séculos com o Tamlin, séculos naquele lugar belo e tranquilo. Talvez me adaptasse a dada altura pelo caminho. Talvez não.

Estaquei diante das escadas que davam para a casa coberta de rosas e heras, e olhei para a direita, na direção do roseiral e das janelas para lá dele.

Só tinha posto os pés naquela divisão — o meu antigo estúdio de pintura — uma vez, quando regresssei.

E todas aquelas pinturas, todos os materiais, todas as telas em branco à espera de que eu despejasse histórias e sentimentos e sonhos... detestei aquilo.

Saí de lá momentos depois e não voltei desde então.

Tinha deixado de catalogar cores, sensações e texturas, deixara de ligar a essas coisas. Nem sequer era capaz de olhar para as pinturas penduradas dentro da mansão.

Uma voz doce e feminina cantarolou o meu nome de dentro das portas abertas da casa, e a tensão que me endurecia os ombros aliviou-se um bocadinho.

Ianthe. A Grande Sacerdotisa, nobre Fada Suprema e amiga de infância de Tamlin que tomara para si a tarefa de ajudar a planear as festividades do casamento.

E que assumira a tarefa de adorar Tamlin e a mim como se fôssemos deuses recém-criados, abençoados e escolhidos pelo próprio Caldeirão.

Mas não me queixei; muito menos porque Ianthe conhecia toda a gente, na corte e fora dela. Ela punha-se ao meu lado nos eventos e nos jantares, contava-me tudo sobre quem era aquela gente, e foi o principal motivo por que sobrevivi ao furacão das festividades do Solstício de Inverno. Afinal de contas, foi Ianthe quem presidiu às diversas cerimónias — e fiquei mais do que feliz quando a deixei escolher os ramalhetes e as grinaldas que deviam adornar a mansão e a propriedade, os talheres que complementavam cada refeição.

Além disso, embora tivesse sido Tamlin a pagar as minhas roupas do dia a dia, era o olho de Ianthe que as escolhia. Ela era o coração do próprio povo, consagrada pela Mão da Deusa para o liderar para fora do desespero e da escuridão.

Eu não estava em posição de duvidar. Ianthe ainda não me tinha levado para maus caminhos, e aprendi a detestar os dias em que ela estava ocupada no templo ou na propriedade, a tomar conta dos peregrinos e dos seus acólitos. Naquele dia, no entanto... Sim, ficar com Ianthe foi melhor do que a alternativa.

Apanhei as saias esvoaçantes do vestido rosa como a alvorada com uma das mãos e subi os degraus de mármore até à casa.

Fica para a próxima, prometi a mim mesma. Da próxima vez, convenceria Tamlin a deixar-me ir à aldeia.

— Oh, não podemos deixar que *ela* se sente ao lado dele. Haveriam de se atacar, e teríamos sangue a estragar as toalhas de mesa.

Sob o capuz pálido azul-acinzentado, Ianthe franziu a testa, enrugando a tatuagem que nela estampava os diversos estágios do ciclo da Lua. A sacerdotisa riscou o nome que tinha escrito num dos esquemas de lugares momentos antes.

O dia tornara-se quente, a divisão estava algo abafada, apesar da brisa que entrava pelas janelas abertas. Mesmo assim, mantinha posta a túnica pesada com capuz.

Todas as Grandes Sacerdotisas usavam as vestes de camadas oscilantes, habilidosamente entrelaçadas, embora estivessem certamente longe de ser matronas. A cintura fina de Ianthe destacava-se graças a um estreito cinto com pedras transparentes azul-celestes, cada uma perfeitamente oval e presa por prata reluzente. E sobre o seu capuz havia uma tiara a combinar: um arco delicado de prata com uma grande pedra no centro. Um pedaço de tecido tinha sido dobrado sob a tiara, um retalho embutido a aplicar sobre a testa quando Ianthe tivesse de rezar, suplicar ao Caldeirão e à Mãe, ou apenas refletir.

Ianthe mostrou-me, certa vez, como era o tecido por baixo: deixava à mostra apenas o nariz e a boca farta e sensual. A Voz do Caldeirão. Achei a imagem perturbadora — o facto de simplesmente tapar a parte superior do rosto, de alguma forma, transformava a mulher alegre e esperta numa efígie, em algo Dissonante. Ainda bem que Ianthe tinha o tecido dobrado na maior parte do tempo. De vez em quando, até tirava o capuz para permitir que o sol lhe brincasse com os longos cabelos dourados e levemente ondulados.

Os seus anéis prateados reluziam-lhe nos dedos de unhas bem arrançadas enquanto a sacerdotisa escrevia outro nome.

— É como um jogo — disse ela, a suspitar pelo nariz arrebitado. — Todas estas peças, em luta por poder e domínio, determinadas a derramar sangue caso necessário. Deve ser uma adaptação estranha para ti.

Tanta elegância e riqueza, mas a selvajaria mantinha-se. As Fadas Supremas não eram como os nobres afetados do mundo mortal. Não. Se discutissem, aquilo haveria de *acabar* com alguém estripado em pedaços sanguinolentos. Literalmente.

Certa vez, tremi de medo ao partilhar o mesmo espaço deles. Dobrei os dedos, estiquei e contorci as tatuagens gravadas na pele. Agora podia lutar ao lado deles, contra eles. Não que tivesse tentado.

Estava demasiado vigiada... vigiada e julgada. Porque é que a noiva do Grande Senhor haveria de aprender a lutar se a paz tinha voltado? Foi este o argumento de Ianthe quando cometi o erro de referir o assunto num jantar. Tamlin, diga-se a seu favor, tinha visto os dois lados: eu haveria de aprender a defender-me, mas os boatos haveriam de se espalhar.

— Os humanos não são muito melhores — revelei a Ianthe, por fim. E porque ela era basicamente a única das minhas novas companhias que não parecia particularmente chocada ou assustada comigo, tentei fazer conversa e disse: — A minha irmã Nesta talvez se encaixasse bem.

Ianthe inclinou a cabeça, e a luz do sol fez com que as pedras azuis que a sacerdotisa tinha no alto do capuz brilhassem.

— A tua família mortal *vai* juntar-se a nós?

— Não.

Eu não pensei em convidá-los, não quis expô-los a Prythian. Ou àquilo em que me tinha tornado.

Ianthe tamborilou com um dedo longo e esguio no tampo da mesa.

— Mas eles vivem muito perto da muralha, não é? Se for importante para ti tê-los aqui, o Tamlin e eu podíamos garantir-lhes uma viagem segura.

Nas horas que passámos juntas, contei a Ianthe sobre a aldeia e sobre a casa na qual as minhas irmãs agora viviam, sobre Isaac Hale e Tomas Mandray. Não consegui falar de Clare Beddor ou do que aconteceu à família dela.

— Por mais que se contivesse — disse eu, a lutar contra a memória daquela rapariga humana e do que eu lhe tinha feito —, a minha irmã Nesta detesta pessoas do teu tipo.

— Do *nosso* tipo — corrigiu Ianthe, baixinho. — Já falámos sobre isto. Limitei-me a assentir.

Mas ela continuou.

— Somos antigos e inteligentes, e gostamos de usar as palavras como lâminas e garras. Cada palavra que te sair da boca e cada frase que formulares serão julgadas, e possivelmente usadas contra ti. — Como que para suavizar o aviso, acrescentou: — Mantém a guarda, Senhora.

Senhora. Um nome insano. Ninguém sabia lidar comigo. Eu não nasci Fada Suprema.

Tinha sido Feita... ressuscitada e presenteada com este novo corpo pelos sete Grandes Senhores de Prythian. Não era a parceira de Tamlin, pelo que me era dado a saber. Não havia ligações de vínculo entre nós... ainda.

Sinceramente... Sinceramente, Ianthe, com os reluzentes cabelos dourados, com aqueles olhos azuis, as feições elegantes e o corpo esguio, parecia mais uma parceira de Tamlin. Era sua semelhante. Uma união com ele — um Grande Senhor e uma Grande Sacerdotisa — seria uma mensagem clara de força para qualquer possível ameaça aos nossos territórios. E havia de garantir o poder que Ianthe estava sem dúvida determinada a reunir para si.

Entre as Fadas Supremas, as sacerdotisas supervisionavam as cerimónias e os rituais, registavam as histórias e as lendas, e aconselhavam os senhores e as senhoras em assuntos importantes e triviais. Eu não vi nenhuma magia de Ianthe, mas, quando perguntei a Lucien, este franziu a testa e disse que a sua magia vinha das cerimónias e podia ser definitivamente letal, bastava que as sacerdotisas o quisessem. Observei Ianthe durante o Solstício de Inverno em busca de sinais da magia, reparando na forma como se posicionou, de modo que o sol nascente lhe preenchesse os braços erguidos, mas não houve ondas nem estrondos de poder. Nem de Ianthe nem da terra que pisávamos.

Não sabia realmente o que esperar de Ianthe, uma das doze Grandes Sacerdotisas que, juntas, governavam as suas irmãs por todo o território de Prythian. Antiga, celibatária e silenciosa. Era até onde iam as minhas expectativas, graças àquelas lendas mortais sussurradas, quando Tamlin anunciou que uma velha amiga em breve ocuparia e renovaria o complexo em ruínas do templo nos nossos terrenos. Mas Ianthe entrou como uma brisa na nossa casa na manhã seguinte, e as expectativas foram imediatamente sufocadas. Principalmente na parte do celibato.

As sacerdotisas podiam casar-se, ter filhos e namorar quanto quisessem. Seria uma desonra ao dom da fertilidade do Caldeirão trancar-lhes os instintos, a sua inerente magia feminina para gerar a vida, foi o que Ianthe me disse uma vez.

Então, quando os sete Grandes Senhores governavam Prythian nos seus tronos, as doze Grandes Sacerdotisas reinavam nos altares, e os seus filhos eram tão poderosos e respeitados como os filhos de qualquer senhor. E Ianthe, a mais nova Grande Sacerdotisa em três séculos, continuava solteira, sem filhos e ansiosa por *se deliciar com os melhores machos que a terra tem para oferecer*.

Eu costumava perguntar-me como seria ser tão livre e tão bem resolvida. Vendo que eu não respondia à sua suave reprimenda, Ianthe disse:

— Já pensaste na cor das rosas? Branco? Rosa? Amarelo? Vermelho...

— Vermelho não.

Eu detestava aquela cor. Mais do que qualquer outra coisa. O cabelo de Amarantha, todo aquele sangue, os cortes no corpo destruído de Clare Beddor, pregado à parede em Sob a Montanha...

— Um castanho-avermelhado era capaz de ficar bonito com todo esse verde... Mas talvez seja Corte do Outono em excesso.

E outra vez o dedo a tamborilar na mesa.

— Seja a cor que quiseres.

Se eu fosse sincera comigo mesma, admitiria que Ianthe se tinha tornado numa muleta para mim. Mas parecia disposta a fazê-lo, a importar-se quando eu não era capaz de o fazer.

Mas as suas sobranceiras levantaram-se levemente.

Apesar de ser uma Grande Sacerdotisa, ela e a família tinham escapado aos horrores de Sob a Montanha ao fugir. O pai, um dos mais fortes aliados de Tamlin na Corte da Primavera e um capitão das forças do Grande Senhor, sentira que se aproximavam problemas e enviou Ianthe, a mãe dela e duas irmãs mais novas para Vallahan, um dos incontáveis territórios feéricos do outro lado do oceano. Ao longo de cinquenta anos, viveram na corte estrangeira, demorando-se enquanto o próprio povo era massacrado e escravizado.

Ianthe não falou disso nem uma vez. E eu sabia que não devia perguntar.

— Cada elemento deste casamento manda uma mensagem não só a Prythian, mas para o mundo além — disse ela. Contive um suspiro. Eu sabia... Ela já mo dissera antes. — Sei que não gostas muito do vestido.

Era dizer pouco. Eu detestava a monstruosidade do tule que ela escolhera. Tamlin também; embora tenha dado umas gargalhadas até ficar rouco quando lho mostrei, na privacidade do quarto. Mas prometeu-me que, embora achasse que o vestido era absurdo, a sacerdotisa sabia o que estava a fazer. Apeteceu-me responder; detestava o facto de, apesar de Tamlin ter concordado comigo, ficar ao lado dela, mas isso exigia mais energia do que valia a pena.

Ianthe continuou:

— Mas passa a mensagem certa. Estive com membros de cortes vezes suficiente para saber como operam. Confia em mim.

— Eu confio em ti — disse, e gesticulei com a mão na direção dos papéis diante de nós. — Sabes fazer essas coisas, eu não.

A prata tilintou nos pulsos de Ianthe, muito parecida com as pulseiras que os Filhos dos Abençoados usavam do outro lado da muralha. Às vezes perguntava a mim mesma se aqueles humanos tolos tinham roubado a ideia às Grandes Sacerdotisas de Prythian, se tinham sido sacerdotisas como Ianthe que tinham espalhado tal loucura entre os humanos.

— É um momento importante também para mim — disse Ianthe, com cautela, a ajustar a tiara sobre o capuz. Os seus olhos azuis encararam os meus. — Tu e eu somos muito parecidas... jovens, inexperientes diante destes... lobos. Estou-te grata, e a Tamlin, por permitirem que eu realize a cerimónia, que seja convidada a trabalhar nesta corte, que faça parte desta corte. As outras Grandes Sacerdotisas não gostam muito de mim, e eu não gosto delas, mas... — Sacudiu a cabeça, o capuz oscilou com ela. — Juntos — murmurou —, nós os três formamos uma unidade formidável. Quatro, se contarmos com Lucien. — Riu com prazer. — Mas não se dá que ele queira ter algo que ver comigo.

Uma sentença sugestiva.

Ianthe costumava arranjar desculpas para falar de Lucien, para o encurralar em eventos, para lhe tocar no cotovelo ou no ombro. Ele ignorava todos esses gestos. Na semana anterior, lá acabei por perguntar a Lucien se Ianthe nutria sentimentos por ele, e ele limitara-se a olhar para mim, a grunhir baixinho e a sair dali a bater com os pés. Interpretei-o como um sim.

Mas um vínculo com Lucien seria quase tão benéfico como com Tamlin: o braço-direito do Grande Senhor e o filho de outro Grande Senhor... Qualquer cria da união seria poderosa, cobiçada.

— Sabes que é... difícil para ele, no que diz respeito às fêmeas — ponderei, num tom neutro.

— Ele já esteve com *muitas* fêmeas desde a morte da amante.

— Talvez seja diferente contigo, talvez signifique algo para o qual Lucien não está pronto. — Gesticulei com os ombros, à procura das palavras certas. — Talvez ele se afaste por causa disso.

Ianthe pôs-se a pensar, e rezei para que ela tivesse engolido a minha meia-verdade. A sacerdotisa era ambiciosa, inteligente, bela e ousada, mas eu não achava que Lucien a tivesse perdoado, ou que jamais lhe perdoaria, por ter fugido durante o reinado de Amarantha. Às vezes interrogava-me sinceramente sobre se o meu amigo poderia rasgar o pescoço de Ianthe à conta disso.

Ianthe assentiu, por fim.

— Estás ao menos animada com o casamento?

Pus-me a brincar com o anel de esmeralda.

— Vai ser o dia mais feliz da minha vida.

No dia em que Tamlin me pediu em casamento, senti-me mesmo assim. Chorei de alegria quando disse que sim, sim, mil vezes sim, e fiz amor com ele no campo de flores silvestres para o qual ele me levou para a ocasião.

Ianthe assentiu.

— A união é abençoada pelo Caldeirão. O facto de teres sobrevivido aos horrores de Sob a Montanha apenas o comprova.

Percebi então o olhar dela ... na direção da minha mão esquerda, das tatuagens.

Foi difícil não enfiar a mão debaixo da mesa.

A tatuagem que Ianthe tinha na testa era de uma tinta azul como a meia-noite, mas, de certa forma, combinava, realçava os vestidos femininos, as joias de prata reluzente. Era muito diferente da brutalidade da minha.

— Podíamos comprar-te luvas — sugeriu ela, casualmente.

O que mandaria outra mensagem; talvez dirigida à pessoa que eu tão desesperadamente esperava que se tivesse esquecido da minha existência.

— Vou pensar nisso — concedi, com um sorriso esforçado.

Foi também um esforço evitar sair dali antes que a hora terminasse e Ianthe fosse suavemente para o seu quarto privativo, para as orações — uma oferta de Tamlin pela ocasião do regresso da sacerdotisa —, para oferecer o agradecimento do meio-dia ao Caldeirão pela libertação da nossa terra, pelo meu triunfo e pelo domínio assegurado de Tamlin sobre aquela propriedade.

Às vezes, interrogava-me se devia pedir que Ianthe também rezasse por mim.

Que rezasse para que um dia eu aprendesse a gostar dos vestidos, das festas e do meu papel como uma noiva linda e corada.

*

Já me tinha deitado quando Tamlin entrou no quarto, silencioso como um veado no bosque. Ergui a cabeça e levei a mão ao punhal que mantinha na mesa de cabeceira, mas relaxei quando vi os ombros largos e a luz das velas, no corredor, que delineava a pele bronzeada e escondia o rosto dele na sombra.

— Estás acordada? — murmurou ele.

Eu era capaz de ouvir a expressão do rosto franzido na sua voz. Ele estivera no escritório desde o jantar, a organizar a papelada que Lucien lhe tinha deixado na escrivaninha.

— Não consegui adormecer — disse, a olhar para os músculos de Tamlin, que se contraíram enquanto se dirigia à casa de banho para se lavar. Eu estava a tentar adormecer há uma hora, mas, sempre que fechava os olhos, o meu corpo travava e as paredes do quarto pareciam fechar-se. Cheguei a abrir as janelas, mas... aquela iria ser uma longa noite.

Recostei-me nas almofadas, a ouvir os ruídos constantes e eficientes de Tamlin a preparar-se para se deitar. Ele tinha o seu próprio quarto, achava fundamental que eu tivesse o meu espaço.

Mas dormia ali todas as noites. Eu ainda não tinha visitado a cama dele, embora perguntasse a mim mesma se a nossa noite de núpcias o iria mudar. Rezava para que não me debatesse até acordar e vomitasse nos lençóis quando não reconhecesse o lugar onde estava, quando não soubesse se a escuridão era permanente.

Talvez fosse por isso que ainda não tivéssemos tocado no assunto.

Tamlin saiu da casa de banho, tirou a túnica e a camisa, e eu apoiei-me nos cotovelos para ver enquanto ele parava na beira da cama.

A minha atenção foi imediatamente para os dedos fortes e habilidosos que abriram as calças dele.

Ele soltou um grunhido grave de aprovação, e mordeu os lábios quando ele tirou as calças, e as cuecas, revelando toda a sua orgulhosa e grossa extensão. A minha boca secou, e percorri o seu tronco musculoso com o olhar, passando pelo peito; até que...

— Anda cá — grunhiu ele, com a voz tão áspera que as palavras eram quase indiscerníveis.

Afastei os cobertores, revelando o meu corpo já nu, e ele sibilou.

A expressão dele tornou-se voraz quando gatinhei pela cama e levantei o corpo, a apoiar-me nos joelhos. Segurei-lhe no rosto com as mãos, a pele dourada emoldurada por dedos de marfim e espirais negras, e beijei-o.

Tamlin encarou-me durante o beijo, mesmo quando me aproximei, sustendo um ruído baixo quando ele roçou com o corpo na minha barriga.

As suas mãos calejadas roçaram-me as ancas, a cintura, e depois prenderam-me enquanto ele baixava a cabeça, a saborear o beijo. O toque da sua língua contra o rebordo dos meus lábios fez-me abrir-me toda para ele, e ele entrou, reivindicou-me, marcou-me.

Gemi, então, e inclinei a cabeça para trás, facilitando-lhe o acesso. As mãos de Tamlin fecharam-se na minha cintura, depois moveram-se — uma agarrou-me no rabo em concha, a outra deslizou entre ambos.

Este... este momento, quando só havia Tamlin e eu, e nada entre os nossos corpos... A língua dele raspou o céu da minha boca quando deslizou o dedo para baixo, até ao meu centro, e eu gemi, as minhas costas arquearam-se.

— Feyre — disse ele contra os meus lábios, e o meu nome era como uma oração mais fervorosa do que qualquer uma que Ianthe tivesse oferecido ao Caldeirão naquela manhã escura de solstício.

A língua de Tamlin voltou a percorrer a minha boca, ao ritmo do dedo que ele fez deslizar para dentro de mim. As minhas ancas ondulavam, querendo mais, desejando a totalidade dele, e o seu grunhido reverberou no meu peito quando acrescentou outro dedo.

Movi o corpo contra ele. Um relâmpago percorreu as minhas veias, e a minha concentração voltou-se para os dedos dele, para a sua boca, para o corpo contra o meu. A palma da sua mão pressionou o feixe de nervos no ápice das minhas ancas, e eu gemi o nome dele quando me estilhacei.

Com a cabeça atirada para trás, engoli o ar gélido da noite e fui então deitada na cama, gentilmente, com delicadeza, com amor.

Tamlin ergueu o corpo sobre o meu e baixou a cabeça até aos meus seios, e bastou apenas uma pressão dos dentes contra os meus mamilos para que eu lhe cravasse as unhas nas costas, para que eu enganchasse as pernas à sua volta e ele se acomodasse entre elas. Aquilo. Precisava *daquilo*.

Tamlin deteve-se com os braços trémulos enquanto sustentava o seu corpo sobre o meu.

— Por favor — gemi.

Ele limitou-se a roçar os lábios contra o meu maxilar, o meu pescoço, a minha boca.

— Tamlin — implorei.

Agarrou-me os seios com a palma da mão, roçando os meus mamilos com o polegar. Soltei um grito e ele enterrou-se em mim com um movimento poderoso.

Por um instante, não fui nada, ninguém.

E unimo-nos, dois corações a bater como um, e prometi a mim mesma que seria sempre assim quando ele se afastou alguns centímetros,

os músculos das costas flexíveis sob as minhas mãos, e a seguir impulsionou-se novamente contra mim. E outra e outra e outra vez.

Voltava a desfazer-me uma e outra vez contra o corpo de Tamlin quando ele se movia, quando murmurava o meu nome e dizia que me amava. E quando aquele relâmpago tomou conta das minhas veias mais uma vez, da minha cabeça, quando gemi o seu nome, o prazer dele encontrou-o. Agarrei-me a ele durante cada vaga de tremor, saboreei o seu peso, a sensação da sua pele, a sua força.

Durante algum tempo, só os sussurros da nossa respiração tomaram conta do quarto.

Franzi a testa quando ele se afastou, por fim... mas não foi para longe. Esticou-se de lado, apoiou a cabeça no punho e traçou círculos distraídos na minha barriga, subindo até aos seios.

— Desculpa-me por aquilo que aconteceu hoje — murmurou.

— Tudo bem — sussurrei. — Compreendo.

Não era mentira, mas também não era exatamente verdade.

Os dedos de Tamlin desceram, fazendo um círculo no meu umbigo.

— Tu és... tu és tudo para mim — disse ele, com a voz rouca.

— Preciso... preciso de que fiques bem. Preciso de saber que não te podem afetar... que já não te podem ferir.

— Eu sei. — Os seus dedos desceram mais. Engoli em seco e repeti:

— Eu sei. — Afastei os cabelos do rosto dele. — Mas e tu? Quem é que te mantém seguro?

A boca dele contraiu-se. Com os poderes de regresso, não precisava de ninguém que o protegesse, que o defendesse. Eu era quase capaz de ver pelos invisíveis a eriçar-se com irritação — não por mim, mas ao pensar no que ele fora havia apenas alguns meses: escravo dos caprichos de Amarantha, do seu poder, mal passando de uma gota em comparação com a cascata que agora o percorria. Ele respirou profundamente para se acalmar e depois inclinou o corpo e beijou-me no coração, bem entre os seios. Era resposta suficiente.

— Dentro em breve... — murmurou Tamlin, e os dedos voltaram à minha cintura. Eu quase gemi. — Dentro em breve, serás a minha mulher, e vai ficar tudo bem. Vamos deixar isto tudo para trás.

Arqueei as costas, a desejar que a mão dele descesse, e ele deu uma gargalhada rouca. Não me ouvi falar enquanto me concentrava nos dedos que obedeciam ao meu silencioso comando.

— Como é que toda a gente me vai chamar então?

Tamlin roçou o meu umbigo quando se inclinou para baixo, sugando a ponta do meu seio para dentro da boca.

— Hum? — disse ele, e o tremor contra o meu mamilo fez-me contorcer o corpo.

— Todos me vão chamar «A mulher do Tamlin»? E eu fico com um... título?

Ele levantou a cabeça por tempo suficiente para me olhar.

— Queres ter um título?

Antes de poder responder, ele mordiscou o meu seio e depois lambeu-o; lambeu-o enquanto os dedos finalmente mergulhavam entre as minhas pernas. Traçou círculos preguiçosos e provocantes.

— Não — respondi, com um arquejo. — Mas não quero que as pessoas... — Que o Caldeirão fervesse em mim, aqueles malditos *dedos*... — Não sei se aguento que me chamem Grande Senhora.

Os dedos de Tamlin voltaram a deslizar para dentro de mim, e ele grunhiu, aprovador, diante da humidade que sentia entre as minhas coxas, que vinha tanto de mim como dele.

— Não vão — disse ele contra minha pele, posicionando-se sobre mim e deslizando pelo meu corpo, deixando beijos à medida que avançava. — Não há Grandes Senhoras.

Tamlin agarrou nas minhas coxas para me abrir as pernas e baixou a boca; até que...

— Como é que não há Grandes Senhoras?

O calor, o toque... tudo parou.

Ele levantou o olhar de entre as minhas pernas, e quase cheguei ao clímax quando o vi. Mas o que ele tinha dito, o que tinha deixado implícito... Beijou o interior das minhas coxas.

— Os Grandes Senhores só tomam as mulheres. Consortes. Nunca houve uma Grande Senhora.

— Mas a mãe de Lucien...

— É Senhora da Corte do Outono. Não é Grande Senhora. Tal como tu serás Senhora da Corte da Primavera. Vão-se dirigir a ti como se dirigem a ela. Vão respeitar-te como a respeitam. — Voltou o olhar para o que estava a centímetros da sua boca.

— Então, a mãe de Lucien...

— Não quero ouvir o nome de outro macho nos teus lábios agora — grunhiu, e baixou a boca até mim.

Ao primeiro toque da língua dele, deixei de discutir.